

A escola como comunidade de fala que vitaliza o povo indígena chiquitano

School as speech community that vitalizes the Amerindian
Chiquitano people

*Ema Marta Dunck-Cintra**

**SEDUC/MT, UFG/NELIM*

Resumo: Entre as populações indígenas brasileiras ressurgidas/emergentes encontramos o povo chiquitano que sofreu perdas importantíssimas do território e da sua cultura em virtude do processo colonizador. Nos anos de 2001 e 2002, o que restava de seu espaço para sobrevivência corria o risco de ser tomado pelos fazendeiros da região. A chance de ficar com a terra poderia estar na criação de um contradiscurso capaz de fazê-los acordar desse estado, fortalecendo a sua identidade étnica. Assim, uma das primeiras ações foi acionar a língua indígena que estava na memória dos anciãos na escola por eles improvisada. Em 2005 foi oficializada a primeira escola na terra indígena Portal do Encantado que contribuiu para o fortalecimento do ecossistema fundamental da língua étnica que, por meio desta comunidade de fala (escola), os coloca diante da memória do povo que se encontra na língua chiquitano e que colabora para o processo de reconhecimento e fortalecimento de sua comunidade indígena, por consequência, seu território. O trabalho resulta de pesquisa de campo e estudos bibliográficos.

Palavras-chave: Ecolinguística. Comunidade de Fala. Comunidade de Língua.

Abstract: Among the Amerindian Brazilian peoples there are the Chiquitano, which have have lost a great part of their territory and culture due to the colonizing process. In the years 2001 and 2002, what remained of their land for survival runned the risk of being taken by the farmers of the region. The possibility of retaining their land would be only through a strengthening of their ethnic identity. Therefore, one of the first actions was to use the indigenous language which remained in the memory of ancient people in schools. In 2005 the first school was created in the territory Portal do Encantado, what contributed a lot to strengthen the fundamental ecosystem of the ethnic language. This reinforced the knowledge of the Chiquitano language and fostered the idea of the ethnic community and, consequently, of the land. This study is based in my own field work and bibliographic investigation.

Keywords: Ecolinguistics. Speech communit. Language community.

Introdução

O povo Chiquitano¹ resulta de uma mestiçagem cultural entre diferentes povos indígenas, bem como da influência da cultura cristã europeia decorrente do processo de colonização da América Latina. Com um trabalho árduo, em vinte anos, os colonizadores já haviam escravizado mais de 40 mil índios de cinquenta etnias distintas. O que foi corroborado com os jesuítas que criaram onze missões com mais 37 mil índios de diferentes etnias.

O reflexo dessa colonização na América Latina produziu epistemologias dominantes em detrimento ao patrimônio epistêmico de um povo. Nesse sentido, mais do que as dominações geralmente conhecidas, a dominação colonial foi uma dominação epistemológica, fazendo com que os saberes tradicionais dos povos e nações colonizadas, bem como diversas outras formas de saber, entre eles a língua materna, fossem suprimidos e inferiorizados (SANTOS, 2010).

Nesse processo colonizador, o povo chiquitano sofreu perdas importantíssimas do território e da sua cultura, o que os levou ao silenciamento (DUNCK-CINTRA, 2005). Durante anos, ficaram invisíveis pelas políticas públicas brasileiras.

A língua do grupo é conhecida como chiquitano ou besüro e foi utilizada por mais de sete décadas como língua franca nas reduções jesuíticas (RIESTER, 1986) para evangelizar povos de origens distintas.

O território tradicional dos chiquitano ocupava uma grande área localizada em terras bolivianas e brasileiras, porém, com a disputa entre as coroas portuguesa e espanhola, o povo foi separado, ficando uma parcela menor no lado brasileiro. No Brasil situam-se no extremo sudoeste do Estado de Mato Grosso, nas proximidades da fronteira com a Bolívia.

Os Chiquitano brasileiros sobreviveram ao colonialismo e assumem, nesse momento, a responsabilidade de retomar o passado, na busca do seu pertencimento étnico. E parte desse reaparecimento encontra amparo na escola indígena Portal do Encantado, espaço de comunidade de fala que tem proporcionado, aos indígenas, vitalidade do seu ecossistema fundamental da língua.

¹ Entre as populações indígenas brasileiras ressurgidas/emergentes encontramos o povo chiquitano. De acordo com Oliveira (2004, p. 20-21), ressurgimento/emergência "é o processo denominado etnogênese, abrangendo tanto a emergência de novas identidades como a reinvenção de etnias já reconhecidas.

Em Dunck-Cintra (2005), foi mostrado como as relações externas do povo indígena chiquitano com o colonizador interferiram no seu território e provocaram o silenciamento cultural, incluindo aí o apagamento da língua étnica, pois se o território, a língua ou o povo sofrem interferências, o ecossistema fundamental sofre mudanças. A língua étnica deixou de ser falada.

No entanto, o povo chiquitano tem transformado a escola indígena, criada há em 2005, numa comunidade de fala em que a língua materna que estava adormecida na memória dos antigos os tem vitalizado em relação à sua identidade étnica, na reorganização do seu território e na luta por dias melhores. O que se percebe é que hoje, por meio da língua do colonizador (a língua portuguesa) a comunidade escolar tem fortalecido o ecossistema fundamental da língua de pertencimento que, num processo de retroalimentação, os fortalece para a vida indígena em comunidade e os identifica e os posiciona diante do outro não indígena. Como isso pode acontecer? Como podemos hoje ter duas línguas que interagem nesse ecossistema fundamental da língua? Afinal, isso é possível? Nesse sentido, faz-se necessário ter um olhar sistêmico sobre o objeto pesquisado.

1 A ecolinguística: um olhar sistêmico sobre o objeto pesquisado

A ecolinguística é uma disciplina relativamente nova no cenário mundial e brasileiro que traz elementos importantes para a análise do fenômeno da linguagem de uma perspectiva ecológica. Para Couto (2007), com a ecolinguística há uma mudança de paradigma científico, optando-se por um olhar sistêmico, panorâmico sobre o objeto pesquisado, em detrimento de um olhar fragmentado, recortado. Tudo está relacionado a uma rede que por sua vez também se relaciona a outra, de modo a se formar uma imensa rede de relações interdependentes.

Conforme Couto (2007, p. 39) “a ecologia da língua (*language ecology*) pode ser definida como o estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente”, expressão que aos poucos se consolidou como ecolinguística. Fazendo uso de conceitos da biológica na construção de suas bases epistemológicas, a ecolinguística estuda as interações dos seres vivos com o meio em que vivem, valendo-se, portanto, do ecossistema, das inter-relações entre a população de organismos e o meio ambiente.

Como a ecolinguística encara os fatos da linguagem em sua dinâmica e em suas inter-relações, são de interesse tanto a ecologia quanto o conceito de língua. Na perspectiva da ecolinguística, língua é o “modo de os membros de um povo interagirem entre si, no território em que convivem” Couto (2007, p. 97). E acrescenta: “tudo na língua é interação” (COUTO, 2007, p. 119).

Em um estudo ecolinguístico, a teia de inter-relações mínimas é o ecossistema fundamental da língua (EFL), que também poderia ser chamado de ecologia fundacional da língua, pois, para Couto (2007, p. 2), é o “ecossistema que fornece a base em que a língua se constrói e é usada”. É, portanto, a rede de inter-relações e a interdependência entre um determinado povo, sua língua e seu território.

Nesse contexto inclui-se o meio ambiente da língua. Couto (2007, p. 19), reportando-se a Haugen (1972, p. 325), diz que “o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a usa como um dos seus códigos”. A língua tem, portanto, seu meio ambiente e dentro do seu ecossistema pode ser dividido em três: a) meio ambiente natural – também denominado ecossistema fundamental da língua, compõe-se de um ecossistema em que há uma população, que vive num determinado espaço (território) e fala uma língua (COUTO, 2007, p. 89); b) meio ambiente mental – refere-se ao ecossistema mental da língua, infraestrutura do cérebro. Conforme Couto (2007, p. 20), o “meio ambiente mental é constituído pela infraestrutura cerebral e os processos mentais que entram em ação na aquisição, armazenagem e processamento da linguagem”. É estudado parcialmente pelas neurociências como a psicolinguística (COUTO, 2013, p. 133); c) meio ambiente social – “é constituído pelos processos sociais da Comunidade” (COUTO, 2013, p. 122); é o todo formado pela língua e a sociedade. Pode-se dizer que os membros de uma população, ao se organizarem socialmente, constituem o meio ambiente social da língua.

Para Couto (2007, p. 219), os territórios onde se encontram pequenas comunidades são uma área privilegiada para o estudo da ecologia fundamental da língua, pois, “mais do que qualquer outra área, aqui inter-relações entre povo, terra e cultura se mostram de modo mais patente” Esse assunto pode ser tratado pela ecolinguística, sobretudo pela etnoecologia linguística, que é “o estudo das relações entre língua e meio ambiente, só que partindo da variedade linguística de grupos indígenas, tradicionais, rurais, isolados e assemelhados” (COUTO, 2007, p. 219).

Assim, ao olharmos para o povo indígena Chiquitano, pelo que passou durante a colonização e as interações estabelecidas nesse processo e o que tem feito para acordar do silêncio em que se encontrara, vimos o papel importante da escola nesse contexto, por isso é viável que reconheçamos a escola indígena como comunidade de fala da língua Chiquitano.

2 Escola: uma comunidade de fala da língua étnica

A gênese do contra discurso para acordar do silêncio ocorreu por meio da escola indígena improvisada por ele. À época (2000-2003) os chiquitano ouviam da população da

região que eles não eram índios, (DUNCK-CINTRA, 2005). Nesse sentido, falar a língua chiquitano era marcar sua etnicidade diante do outro, era a resistência ao contexto vigente. E uma das atitudes foi buscar na memória a sua língua materna, a sua primeira língua (chiquitano). Desse modo, improvisaram uma escola e nela eram dadas aulas na língua chiquitano. Isso nos é confirmado nesses depoimentos:

Agora, esses tempo, né. Falaram que tinha que aprender. (E. M. S. P., 15 anos). (DUNCK-CINTRA, 2005, p. 116).

Ah, do jeito que nós está, é importante aprender a língua chiquitano. (T. P. R., 23 anos). (DUNCK-CINTRA, 2005, p. 116).

Ali, naquele espaço e momento, mais do que estudar a língua, são aflorados a memória ancestral, os saberes adormecidos, o pertencimento étnico que outrora fora roubado. Dessa escola improvisada surge a luta por uma escola que fosse realmente do povo. Assim, em 2005, é criada, finalmente a escola indígena básica Chiquitano. O seu ato de criação é o de número 6.014, publicado no Diário Oficial de Mato Grosso no dia 24/06/05. É importante dizer que a escola a que aspiravam não era fruto da colonização, mas sim um processo decolonial em construção, pois era demandada pelo povo e para o povo. Nela queriam imprimir sua identidade, seus saberes tradicionais, sua sabedoria de vida, sua luta.

Aos poucos a escola foi se constituindo numa comunidade de fala da língua étnica que fortalece o povo. Conforme nos explicitou uma professora, para aprender a língua que estava na memória, tiveram de ir até o ancião que se lembrava dela. Junto à busca da língua, vieram outros conhecimentos:

Puxando da cultura, da história e do mito... E assim ele vai indo... Uma caminhada até lá, né, pra que que ele serve, né, ele vai colocando, Ele coloca tempo, espaço e modos, né, de como fazer e de se preparar... Desta palavra ele já fala uma outra palavra, que na verdade você dá só um pingo, puxa só um fio de linha, daí ele já começa a falar... E esse aí é que acho interessante porque o ancião, ele vai lembrando, e se a gente for pesquisando e falar como se chama isso, como se chama o nome daquilo, daí [...]. Além da palavra, é a gente falar e fazer, né, por exemplo o “abanico” que a gente fez, a gente fala ele, a gente conhece e utiliza ele e assim vai passando pro filho, pro neto [...] aí a gente vê como os próprios anciãos já começa a falar, a

utilizar ela de novo, até tá mais fácil de pesquisar... (S² R, Professora da EEI Chiquitano, 2015).

Vejam que a escola se torna impulsionadora de outras esferas de conhecimento, pois ao estudar e pesquisar sobre a língua, ela acaba se tornando um espaço de busca de saberes que serão novamente coletivizados e apropriados. Para Tuan (2012, p. 37) “A cidade, o templo, ou mesmo as habitações podem se tornar um símbolo ou totalidade psíquica benéfica sobre os seres humanos que entram no lugar ou que aí vivem”.

Tuan (2012, p. 135) cria o termo topofilia para definir, “em sentido amplo, todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Para o autor (2012, p. 135), “Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” que para Tuan (2012, p. 203), “é um repertório de significados. Estes emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. As experiências profundas têm, muitas vezes, um caráter sagrado, extraterreno...”. É o que podemos observar em relação à comunidade indígena e a escola.

3 A comunidade de fala e comunidade de língua na ecolinguística

De acordo com Couto (2013), há dois modos de se encarar o ecossistema linguístico: como comunidade de língua e comunidade de fala. A comunidade de língua é o que seria denominado de língua. Assim, todos os países que falam a língua portuguesa formam a comunidade da língua portuguesa. Desse modo, podemos dizer que a comunidade da língua chiquitano abarca o Brasil e a Bolívia, pois em ambos os países ela é falada.

No Brasil, temos um grupo pequeno de membros da etnia chiquitano, não ultrapassando 2.400 indígenas e sua língua encontra-se num alto grau de extinção (DUNCK-CINTRA, 2005), sendo apenas falada pelos anciãos. No entanto, na Bolívia há mais de 40 mil falantes (DUNCK-CINTRA, 2005) o que lhes dá uma maior segurança em relação à vitalidade da língua étnica. Para compreendermos o conceito que a ecolinguística traz sobre comunidade de língua temos de pensar nas localidades geográficas de grandes proporções onde a língua é falada.

² Síria Rup referindo-se ao ancião quando da pesquisa na língua pelos professores e estudantes.

Já o conceito de comunidade de fala, na ecolinguística, é descrito por Couto (2013, p. 40) como:

A língua real, concreta, como interações que se dão na ecologia da interação comunicativa está diretamente ligada à **comunidade de fala**. Esta já é bem mais difícil de ser definida do que a comunidade de língua. Como sugerido no termo ‘fala’, ela é mais concreta do que a comunidade de língua. Em geral, seu domínio territorial (T) é de pequenas dimensões, ou seja, trata-se de pequenas comunidades ou agrupamentos de pessoas que aí se encontram e interagem diuturnamente entre si verbalmente. **É a língua vista a partir do uso (grifo meu), dos atos de interação comunicativa**, ao passo que a comunidade de língua é vista a partir do sistema”. E continua “... assim como o ecossistema proposto por Tansley pode ir do átomo ao universo, a comunidade de fala pode ir do grupo de pessoas de uma sala de aula até um país inteiro.

Nessa compreensão do que seria uma comunidade de fala gostaria de me deter um pouco. Se hoje tenho uma língua indígena que tem seu uso praticamente restrito na escola chiquitano, considero que este espaço seja uma comunidade de fala chiquitano. É neste ambiente que se tem um movimento da língua étnica que, por meio da língua portuguesa, tem sido revitalizada. E é esse processo que ocorre nesta comunidade de fala que passo a descrever.

O que ocorreu em 2002-2003, com a criação da escola improvisada, nos mostra que a escola/comunidade de fala tem sua gênese num movimento de defesa do povo, que surge de uma demanda, no momento em que estão lutando pela terra, pelo seu espaço de sobrevivência. Em 2005, durante estudo sociolinguístico em nível de mestrado realizado com o povo chiquitano do Brasil, definimos esta ação de busca da língua na memória como “bilingüismo de memória” que seria um processo interativo cognitivo de resistência, posicionamento cultural e político de afirmação da identidade étnica, que encontra na memória dos *lembradores* (anciãos) um ponto unitário (pertencimento) de representação, de luta e reconhecimento dos saberes ancestrais (DUNCK-CINTRA, 2005). Este fato, ao que tudo indica, foi impulsionador para a emancipação étnica (FREIRE, 2014), que mobilizou o povo para acordar do silêncio ao qual se adaptou ou a que foi submetido para sobreviver em seu próprio território. Nesse sentido pode-se dizer que a escola é herdeira da demanda e não da colonização.

Como construir, a partir daí, uma escola que respeitasse os saberes, a história, a cultura, a língua étnica desse povo e o levasse a continuar buscando tudo isso em sua memória?

4 O ensino e uso da língua étnica na escola vitalizam o povo chiquitano

O que aconteceu com o povo a partir do movimento da escola nos leva a percebê-la como um lugar de vitalidade sociolinguística, por consequência de vitalidade do ecossistema fundamental da língua por meio de sua comunidade de fala.

Ao acionar o bilinguismo de memória, na comunidade de fala que é a escola, ocorre a busca pelo espaço da memória, que invoca os saberes dos ancestrais que se constituem como resistência e reafirmação da identidade indígena. Nessa perspectiva, o currículo abre precedentes para a valorização do conhecimento que circula entre os membros de uma etnia, o que reforça a tradição do povo como um elemento importantíssimo na educação escolar. Os anciãos são chamados para estar na escola e avivar a memória, contando aos estudantes sobre sua cultura, seus saberes ancestrais. E para o indígena, pode-se dizer que a tradição oral é considerada “sistema de saber”. No dizer de Gotta (2008), os sistemas de saber indígena se comportam como mapas de memórias em que se convergem noções de memória e experiências de diversas origens. Entre elas citam-se: revelações, ensino, costumes. Conforme o autor, trata-se de formas de memória que se ativam em saberes. O espaço principal de referência do saber indígena é a comunidade, mas também outros lugares de ação e representação como o monte, o bosque, as lagunas, as casas, os pátios. Ou seja, a comunidade constrói assim o espaço de representação da memória e dos saberes culturalmente expressos em práticas cotidianas (GOTTA, 2008, p. 30). E isso vai fortalecendo aos poucos a identidade e revitalizando a língua chiquitano dentro da escola.

Couto (2007, p. 2), expõe que é o “ecossistema que fornece a base em que a língua se constrói e é usada”. É, portanto, a rede de inter-relações e a interdependência entre um determinado povo, sua língua e seu território. Compreende-se que, quando é acionada a língua que está na memória dos antigos, vêm à tona as vivências que levaram à criação daqueles significados, daquilo que os constitui como indígenas.

Por isso, a memória individual e coletiva é importante. Conforme Le Goff (2003, p. 468), a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade,

individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

E continua o autor:

Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender essa luta pela denominação da recordação da tradição e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2003, p. 470).

Nesse sentido, é importante compreender como a tradição e a memória mobilizaram saberes ancestrais e informaram fazeres escolares na Escola Indígena Chiquitano, pois evocar a memória e os saberes ancestrais e a tradição vitalizam o povo e reafirmam seu lugar de pertencimento. E sendo espaços em que, constantemente, a fronteira com a sociedade não indígena tem de ser demarcada, a afirmação étnica é requisitada a todo o momento, através de uma atitude política que busca na ancestralidade, nos fios da tradição que tecem o presente a inspiração para, por meio de sua língua étnica, fortalecer a cidadania e a identidade indígena (DUNCK-CINTRA, 2015).

5 (Re) afirmando a escola como uma comunidade de fala étnica

A Escola Estadual Indígena Portal do Encantado, apesar de seguir o modelo tradicional nacional, aos poucos foi se constituindo em um local de articulação de ações em favor do pertencimento étnico e da língua indígena chiquitano (DUNCK-CINTRA; SANTANA, 2009).

O que se observa, no PPP, é que a escola ganha o reconhecimento de novas funções sociais, históricas e políticas. Entre os aspectos que a comunidade escolar destacou, encontra-se o desejo se que ela seja *comunitária*: porque conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, sua concepção e seus princípios. Inclui liberdade de decisão na elaboração do calendário escolar, a pedagogia, os objetivos, os espaços e momentos utilizados para educação escolarizada. Para eles, a escola deve ser também *intercultural*, reconhecendo e mantendo a diversidade cultural linguística, promovendo uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior a outra. Esse é o grande desafio, pois como disse (SANTOS, 2010), há que se criar condições para que a diversidade de

conhecimento do povo, os saberes tradicionais, a cultura, a língua materna, as formas de vida adentrem à escola sem marginalização ou subalternidade.

Também reiteraram a importância de que ela seja bilíngue:

Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso por onde confunde muito dos seus traços de identificação, construindo assim um quadro de bilinguismo simbólico importante. (MATO GROSSO, 2007, p. 16).

O processo que se dá é uma sequência de ações que pouco a pouco vão ganhando uma dimensão bastante importante. São atividades desenvolvidas por professores e membros das comunidades. As formas como a língua étnica vêm sendo trabalhada, vitalizada, mostram que, além do aspecto escrito, são trazidos à tona os aspectos culturais.

Oficinas são realizadas sobre os conhecimentos tradicionais. Os professores buscaram acionar os saberes ancestrais, tais como a revitalização da língua, as plantas medicinais e a chicha – bebida típica. A descrição de como se deram as oficinas mostra a riqueza do trabalho por eles realizado.

Trabalhamos com pesquisa a campo, a fim de incentivar que cada criança conheça as diferentes plantas que são utilizadas nos tratamentos medicinais. Na escola procuramos mostrar aos educandos a importância da preservação da natureza para o povo chiquitano, buscamos ensinar a composição de cada uma destas plantas e suas características.

As plantas podem ser aproveitadas de diversas maneiras, como, por exemplo, na fabricação de xarope para tosse e verme. Para este fim, utilizamos as folhas e as cascas de cinco espécies de plantas existentes na comunidade, como: casca de jatobá, paratudo, pau-santo, folha de fedegoso e folha de umbaúba, de que os estudantes puderam fazer os referidos remédios.

Resultados obtidos: Os estudantes puderam aliar a teoria e a prática. A utilização de plantas medicinais na cultura indígena chiquitana contribui com os educadores para que os mesmos possam valorizar ainda mais os seus ancestrais e aprender a produzir seus próprios remédios, valorizando e preservando sua vegetação.³

³ Texto retirado do *banner* apresentado pelos professores em Seminário da Educação, realizado em Cáceres, MT, 2012.

Outra oficina, segundo a descrição dos professores, foi desenvolvida com crianças, jovens e adultos. Utilizaram-se da receita da bebida tradicional como subsídio pedagógico. Na clareza da importância dessa ação para valorização do povo, assim descreveram os resultados obtidos por meio desta atividade:

Resultados obtidos: Ao incentivar o estudo sobre o conhecimento específico do povo indígena, percebemos que os educandos começam a valorizar ainda mais os seus ancestrais, aprendem ainda a produzir suas próprias bebidas, bem como a valorizar e a preservar sua cultura, reforçando assim os saberes específicos e diferenciados.

Sobre a oficina da língua materna “Revitalização da língua materna indígena do povo chiquitano” destaco parte da descrição.

Em princípio trabalhamos com algumas estratégias, com foco em recursos não verbais, como: representações por meio de desenhos e fotografias. Esta atividade foi realizada em pequenos grupos, a partir da observação dos traços que compõem a estrutura do corpo humano, apontando suas características fundamentais, a começar pela cabeça, os membros e o tórax.

Nesse momento, foi necessário novamente realizar uma pesquisa com os anciãos da comunidade, a fim de aprender a denominar cada parte do corpo na língua materna, sendo estes, logo após, traduzidos em língua portuguesa, a fim de mostrar a diferenciação tanto do processo da escrita quanto dos aspectos que envolvem a fonologia da língua do povo chiquitano. [...]

A estratégia para desenvolver o interesse pela escrita na língua materna dos educandos foi através de pesquisa com os falantes e desenhos, depois ensinamos a escrever algumas palavras simples, como: *sunaur* (pessoa alta), *kunenese* (pessoa baixa), entre outras.

Aos poucos os educandos estão aprendendo a falar na língua materna, a escrever e a desenhar o corpo de uma pessoa. Os materiais produzidos pelos educandos e educadores ficam sendo material pedagógico para a escola, onde todos da comunidade escolar podem fazer a leitura e aprofundar na pesquisa tendo como subsídio os saberes do povo.

Percebe-se que, além dos estudantes, os professores também se envolvem de tal modo com a língua, com os anciãos, com os saberes da tradição que se vitalizam juntos. E

mais, apresentaram o resultado de suas pesquisas e oficinas em seminário de educação na cidade de Cáceres/MT, em 2012, saindo do domínio de sala, expondo à sociedade quem são, sua língua étnica, parte de sua vida.

De 2002 até os dias de hoje (2015), muita coisa mudou na vida das comunidades chiquitano. Além de todo o processo de demarcação do seu território, de sua afirmação étnica, o que se vê é uma força que a cada dia se fortalece num ressurgimento de mundo. Uma língua que está na escola e que surge como um movimento social de luta e faz nascer outras possibilidades de busca e valorização da memória ancestral. Da memória do povo. (DUNCK-CINTRA, 2015). Fatos observados nesse espaço de tempo do povo. A escola é um lugar em que a língua étnica acionou a memória, provocou posicionamentos diversos que permitiram uma reorganização social, uma reelaboração da cultura, dos modos de ser e de existir, constituindo-se uma comunidade de fala.

Considerações finais

Todo o processo colonizador fez que o povo indígena chiquitano se silenciasse para que pudesse sobreviver numa sociedade construída a partir do padrão europeizado e preconceituoso. No entanto, por meio da língua portuguesa e pela escola, comunidade de fala em que a língua chiquitano é utilizada de várias formas, agora surge o movimento de descolonização que impulsiona práticas de vitalidade sociolinguística e cultural em contextos educacionais diversos e vitaliza o ecossistema fundamental da língua que, para o povo chiquitano do Brasil, tem uma especificidade diferenciada, pois hoje convivem duas línguas: a chiquitano, e seus usos na escola, e a língua portuguesa, no seio da comunidade. Esta que na história do país foi vetora de colonialidade, agora tem outro papel, de colaborar com a vitalidade do povo e com a vitalidade da língua étnica.

Na escola, é possível acionar a língua do povo, da herança, do sentimento e de pertencimento e marca-se a fronteira com a sociedade envolvente e novas possibilidades de vida são ativadas, pois, por meio dos saberes tradicionais, dos conhecimentos que estavam na memória de anciãos, começa a ser redesenhada a história do povo indígena chiquitano. O que se observa, então, nesse processo de recuperação do que foi perdido (território, língua, crenças religiosas) é que a escola e seu currículo emergem como possibilidade para conhecerem e aprenderem acerca das manifestações linguísticas e culturais de seus ancestrais, fortalecendo o seu posicionamento na sociedade, quer como pertencimento étnico, quer como acesso aos conhecimentos da sociedade ocidental. (DUNCK-CINTRA, 2015).

Tentei mostrar neste texto como um povo, por meio de sua comunidade de fala (a escola) é vitalizado sociolinguisticamente.

Referências

COUTO, Hildo. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Elza. K. N. N. *Ecolinguística: um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas, SP: Pontes, 2013. (Linguagem e Sociedade, v. 4).

DUNCK-CINTRA, Ema Marta Dunck. *Vozes silenciadas: situação sociolinguística dos Chiquitano no Brasil – Acorizal e Fazendinha, MT*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2005.

DUNCK-CINTRA, Ema Marta; SANTANA, Áurea C. *Diversidade e políticas linguísticas: uma experiência com os Chiquitano do Brasil*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2009. v. 9.

DUNCK-CINTRA, Ema Marta. Letramento como uma ação de vitalidade sociolinguística. In: BARROS, Débora M. de; SILVA, Kleber A. da; CASSEB-GALVÃO, Vânia. C. (Org.). *O ensino em quatro atos: interculturalidade, tecnologia de informação, leitura e gramática*. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 23-41(Linguagem e Sociedade, v. 18).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOTTA, Claudia. Comunidade desterritorializada y saberes rescatados. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ETNOHISTÓRIA: AMÉRICA COMPARADA, 7, 2008, Lima, Perú. *Libro de Sumillas...* Pontificia Universidad Católica Del Perú, Lima, 4-7 ago. 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco (Org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena*. 2. ed.: LACED, 2004.

MATO GROSSO. PPP – Projeto Político-Pedagógico. Escola Indígena Chiquitano. Porto Espiridião, MT, 2007.

RIESTER, Jurgen. *Zúbaka: La Chiquitania – visión antropológica de una región en desarrollo*. Tomo I, Vocabulário Español – Chiquito y Chiquito – Español, Cochabamba. La Paz: Los Amigos del Libro, 1986.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

EMA MARTA DUNCK-CINTRA

Efetiva na Secretaria de Estado de Educação/MT. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Membro do NELIM E-mail: dunck@terra.com.br.

